

INDICADO A MELHOR LIVRO DO ANO PELO LIBRARY JOURNAL

ROBIN YORK

"Uma história tocante
e sensual."
USA Today

profundo

Caroline e West | LIVRO 1





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Às vezes detesto a garota que eu era naquela época. É como ver um filme de terror e não conseguir evitar desprezo pela virgem que vai dar uma volta no bosque de madrugada. Como ela pode ser tão burra? Não sabe que está prestes a ser morta a machadadas?

Pois deveria saber. É por isso que é tão difícil assistir a filmes desse tipo. Queremos que ela saiba. Queremos que se defenda e a desprezamos pelo perigo não passar pela cabeça dela, mesmo que a culpa seja obviamente do cara que a mata.

A questão é que o filme faz com que o criminoso pareça uma força da natureza – irrefreável –, e a virgem fica sendo a idiota que não checou a previsão do tempo antes de sair à noite, para verificar se havia um alerta para assassinatos em série.

Nos últimos tempos, se alguém me mandasse uma mensagem de texto apenas com *ahmeudeus!* escrito, eu não me perguntaria se o que estava prestes a descobrir seria ruim. Só iria querer saber *quão* ruim seria e quanto tempo eu levaria para me arrastar para longe do poço em que estivesse prestes a cair, qualquer que fosse.

Mas em agosto do meu segundo ano no Putnam College eu não me preocupei. Achei que Bridget, minha melhor amiga e colega de quarto, talvez tivesse se distraído antes de terminar o raciocínio.

Sequei os cabelos e me levantei para atirar a toalha molhada no cesto de roupa suja do closet. Errei. Enquanto eu a pegava para colocar no lugar, chegou outra mensagem no meu telefone, desta vez com um link. *Você precisa ver isto*, dizia. E então, imediatamente depois, *Eu sinto muito*.

Cliquei no link.

Acho que parte de mim já sabia. Porque ser uma boa moça significa passar a vida toda desenvolvendo um radar bastante preciso para detectar qualquer coisa capaz de fazer com que as pessoas nos amem menos.

Garotas como eu – ou como eu era em agosto – se alimentam de aprovação. Nós vivemos para isso. Então, quando fazemos algo idiota – ou, digamos, algo incredivelmente estúpido –, sabemos disso.

Na tela apareceu uma foto minha, sem blusa, com o pau do Nate na boca.

Olhei para a imagem e respirei fundo. Fechei os olhos e senti o chão embaixo de mim se abrir.

Sei que pode parecer melodramático falar assim, mas não consigo pensar em outra forma de descrever a sensação. Em um minuto eu estava com os pés no chão – uma garota bem-sucedida de 19 anos louca por política, a caminho da faculdade de direito e de ganhar o mundo – e, no instante seguinte, me encontrava em queda livre. Eu me apoiei na mesa. Não conseguia respirar direito.

Não demorei nem um segundo para entender a gravidade da situação. A compreensão imediata percorreu uma espécie de atalho entre os meus olhos e a área do cérebro que fez uma lista silenciosa e particular das consequências daquelas fotos no instante em que Nate as tirou.

Todo mundo vai ver você, zombar de você, odiar você.

Você não vai entrar para a faculdade de direito.

Você nunca vai conseguir uma bolsa de estudos.

Você nunca será juíza ou ganhará uma eleição.

Isto muda tudo.

Depois de ver aquelas fotos... fiquei arrasada. Imediatamente. Porque eu deveria saber.

Naquela noite, quando fiz um boquete em Nate e ele levantou o iPhone no ar, mirando a minha cabeça, meu radar de boa moça estava funcionando direitinho. *Não é uma boa ideia*, o radar me disse. *Péssima ideia*. Mas eu ignorei o sinal, porque Nate estava a fim e eu achava que, se concordasse, ele acabaria deixando aquilo de lado.

Você confia nele, eu disse a mim mesma. *Nate jamais faria nada de mais com as fotos*.

Mas ele fez. Só pode ter feito. O site me identificava como Caroline Piasecki, do Putnam College, em Iowa, e Nate era o único que tinha aquelas fotos. Ou ele as pôs lá ou as deu a alguém que fez isso.

Havia uma foto de rosto, sorrindo. Uma com biquinho que eu havia mandado de dentro do carro só para fazer graça. Outra usando meu conjunto preferido de lingerie de oncinha, tirada na frente do espelho do meu quarto, encolhendo a barriga e estufando o peito porque queria parecer sexy. Eu queria muito ser sexy para ele. E havia as outras, ainda mais safadas. Aquelas para as quais eu quase não conseguia olhar.

Três delas.

Abaixo de todas, mais uma de rosto, com um balão de história em quadrinhos dizendo: *Meu nome é Caroline Piasecki! Sou uma vaca frígida que precisa ser COMIDA!!!*

Eu não conseguia chorar.

Não conseguia respirar.

Não conseguia acreditar naquilo.

A página tinha 462 comentários.

Quatrocentos. E sessenta. E dois.

Se alguém tivesse me perguntado dez minutos antes como eu me sentia em relação a Nate, eu teria respondido *Ah, não tenho ressentimentos.*

Depois de três anos juntos, apenas tínhamos nos afastado. Acho que foi culpa da faculdade. No final do nosso primeiro ano, eu havia começado a achar que não tínhamos mais tanto em comum. No ensino médio, eu nunca havia saído com ninguém até ele me convidar para um encontro – demorei a desabrochar, como dizia meu pai. Nate era bonito, popular, inteligente. Fiquei lisonjeada por ser notada por um garoto como ele. Mas no Putnam passei a ter a impressão de que faltava algo entre nós. Química. Uma ligação mais profunda.

Eu havia terminado o namoro com ele antes da volta às aulas. Dividimos uma pizza com refrigerante e eu tentei explicar meu raciocínio sem ferir seus sentimentos. Achava que tinha me saído muito bem, porque, no fim do jantar, ele estava sorridente e agradável de novo.

Então, respondendo à pergunta anterior, eu teria dito que ele era um cara legal. Que ainda éramos amigos.

Assim, embora eu não estivesse exatamente surpresa, ao mesmo tempo estava, sim. Eu tinha obedecido às regras, me esforçado para tirar

boas notas, namorado um garoto legal e o havia feito esperar bastante até fazermos sexo. Aquilo não devia estar acontecendo. Eu não imaginava que meu par no baile de formatura, meu primeiro namorado, meu *primeiro homem*, usaria a internet para me chamar de vagabunda viciada em porra na cara e diria o nome da minha faculdade e da minha escola logo abaixo de uma foto de boquete.

Quem imagina uma coisa dessas?

Afundi na cadeira e rolei as primeiras telas de comentários. E as seguintes. Uma tela após outra.

Ela tem peitos bonitos.

Eu pegava

fap fap fap fap vlw Carolina, sua puta!

Que vagabunda mais feia. Eu quero mais boceta!

Cada palavra que eu lia – cada termo nojento que algum cretino teclava sobre mim em um porão qualquer – me fazia pensar: *a culpa é minha.*

Minha culpa, minha culpa, minha culpa.

Eu nunca deveria ter deixado Nate tirar as fotos. Sabia disso. Sabia no momento em que ele as tirou, sabia depois e sabia quando terminamos e eu tive um impulso fugaz e urgente de implorar que ele me deixasse apagar tudo. Um impulso que eu havia ignorado por não querer ofendê-lo.

Eu não quis ser *grosseira*.

Fiquei ali sentada por um longo tempo, rolando as páginas e lendo, secando as lágrimas com as costas da mão. Eu ofegava mais do que respirava, surtava mais do que raciocinava; estava desorientada demais para fazer qualquer coisa parecida com um plano coerente.

Acho que eu estava em luto pelo fim de algo que nem sabia que tinha acabado. Minha juventude, talvez. A parte ensolarada e perfeita da minha vida.

Só quando Bridget me mandou outra mensagem – *Vc tá bem?* – que eu realmente compreendi. Pensei nela voltando para o quarto depois de ter visto. Ela saberia, e eu teria que encará-la.

Pensei que não seria apenas Bridget. Seria todo mundo.

Então me dei conta de que eu nunca mais ficaria bem de novo.

SETEMBRO

Caroline

Duas semanas e meia depois de as fotos aparecerem na internet, está tudo sob controle. Até eu sair da aula de latim e entrar no cotovelo de West Leavitt.

Estou caminhando de cabeça baixa, concentrada na próxima eleição para o diretório acadêmico. Tinha pensado em concorrer este ano para representar meu alojamento, mas agora não vejo como isso seria possível. A garota que está concorrendo é... Bem, estou tentando não ser maldosa. Ela não é minha primeira escolha.

Eu sou minha primeira escolha.

Passo pela porta e sigo para a direita, para longe da maioria dos outros alunos. Eu costumava ir para a esquerda, mas Nate tem aula de macroeconomia na sala ao lado da minha e não quero cruzar com ele. Comecei, então, a pegar a direita e seguir para o refeitório pelo lado de fora do prédio.

Hoje, porém, meu caminho não está deserto – o corredor está lotado. No entanto, como estou de cabeça baixa, não percebo até dar um encontrão nas costas de alguém.

Minha bolsa cai no chão. Eu me abaixo para pegá-la, pedindo desculpas, e só então reparo quantas pernas andam por aquele corredor. Começo a me perguntar o que está acontecendo. Ainda estou tentando descobrir quando me levanto de novo e meu nariz colide com algo. No momento do golpe, não entendo que foi com a parte de um corpo, nem sei a quem ela pertence. Só percebo a agitação à minha frente.

E a dor no meu nariz.

Ah, meu Deus, como dói.

Levo a mão em concha ao nariz, para protegê-lo, e desabo, abaixando a cabeça e me encolhendo. Meus olhos se enchem de lágrimas por causa da pancada. Sinto um líquido morno escorrer pelos meus lábios. Coloco a língua para fora para lambê-lo antes de compreender que – *argh, sangue* – estou sangrando. Então o líquido continua a correr e chega a meu queixo. Eu nem me importo, porque meu nariz não para de latejar.

Eu nunca fui atingida no rosto antes.

É absolutamente TERRÍVEL.

Sei que há algo que eu deveria estar fazendo em vez de ficar apertando o nariz, como se meus dedos tivessem o poder de conter o sangramento. Piscando, confusa, olho ao redor para ver no que bati e por que essa coisa me odiava tanto. Considerando o estado do meu nariz, imagino que seja uma parede de tijolos ou um monstro com blocos de concreto no lugar das mãos.

Em vez disso, vejo grandes corpos masculinos empurrando uns aos outros e grunhindo. Há bastante espaço ao redor deles, mas eu o invadi, o que provavelmente explica por que fui atingida e também por que estou em uma posição perfeita para ver o soco vindo.

Eu não o vejo chegar ao alvo. O homem que o recebe está de costas para mim, de frente para o sujeito que o desfere. O golpe seco de pele contra osso faz meu estômago revirar.

O cara cai bem na minha frente. O outro monta nele, com o peito arfando, inclinado de tal modo que eu só consigo ver o topo de sua cabeça. Ele parece prestes a dar mais um golpe, e eu realmente não quero que faça isso, porque é tudo tão brutal que acho que não sou capaz de suportar.

Então ouço um barulho terrível – um som agudo, esganiçado e ofegante –, e o cara que está por cima do outro olha para mim.

Ah, meu Deus. Fui eu que fiz o barulho. Aquele grito estridente era meu. Agora é que não consigo respirar mesmo, porque o cara que me encara é o West e o rosto em que ele bateu com tanta força é o do Nate.

West arregala os olhos.

– Meu Deus, Caroline, eu bati em você?

Ele se levanta, se aproxima e me estende a mão. Parece que esqueceu completamente que está destruindo Nate. Seu olhar, a mão que ele me oferece... Tudo é tão parecido com nosso primeiro contato, há mais de um ano, que eu tenho uma espécie de déjà-vu. Minhas pernas bambeiam, o que me

irrita. Meu corpo é o inimigo agora – meus joelhos fracos, o som agudo que minha garganta resolveu emitir, meu nariz cheio de sangue, a dor latejante no meu rosto.

Sem falar no meu coração, que está tentando saltar do peito, tamanha a força das batidas.

As mãos de West pousam na minha cintura, firmes, e é ridículo. Meu corpo é um idiota. Porque as mãos dele me dão uma sensação meio que incrível.

Evidentemente eu estou com uma concussão. É provável que a pancada que levei tenha sido de West e sem dúvida alguma foi ele quem bateu em Nate, que...

Caramba.

Nate está estendido no chão, com a boca sangrando.

O pior é que eu não consigo me concentrar de fato em Nate, porque a outra mão de West pousou brevemente no meu ombro e agora ele está levantando meu queixo. O sangue deixa os dedos dele escorregadios. Estou sangrando nele. E gosto disso.

É desse jeito que West me deixa. Ele só me tocou uma vez antes, mas não é o tipo da coisa que uma garota esqueça.

Meu Deus, há tantos motivos pelos quais isso é péssimo... A maioria deles nem tem relação alguma com meu nariz. Para começar, eu não gosto de caras que batem nas pessoas. No momento eu não gosto de cara nenhum, ponto. E, se gostasse, não gostaria de West, porque ele cheira a encrenca e eu sou alérgica.

– Você está sangrando – diz ele.

– Você bateu em mim.

– Deixe-me ver.

Ele puxa meu pulso e eu deixo que afaste minha mão do nariz, porque basicamente deixo West Leavitt fazer qualquer coisa. Talvez ele seja uma espécie de criatura mágica. Quero dizer, ele não é. Eu sei que não é. É um aluno de 20 anos do segundo ano de biologia do Putnam College. Trabalha na biblioteca durante o dia, na padaria na cidade no turno da noite e nos fins de semana é garçom no Gilded Pear – o único restaurante sofisticado do campus. Tudo isso, além de pelo menos duas fontes de renda nebulosas e extraoficiais, mais as aulas, faz dele uma das pessoas mais ocupadas que eu conheço.

West Leavitt é alto – 1,80 metro, talvez um pouco mais –, tem cabelos castanhos que estão sempre desalinhados, olhos azul-esverdeados e um bronzado lindo.

É um cara que estuda no mesmo lugar que eu. Só isso.

Só que não é só isso.

O rosto dele é... Sabe aquele lance de que os seres humanos se sentem mais atraídos por rostos simétricos? Bem, o rosto de West é ligeiramente assimétrico de todas as formas imagináveis. Uma das sobrancelhas é um pouco mais para cima e a outra é atravessada por uma fina cicatriz branca. Os olhos são de uma cor que não é realmente uma cor, com umas manchinhas minúsculas que às vezes parecem brilhar de forma inexplicável, pelo menos para mim. A boca é um pouco larga demais, o que faz com que ele pareça convencido toda vez que sorri, quase sorri ou pensa vagamente em sorrir. O nariz deve ter sido quebrado uma vez – ou talvez mais de uma –, porque não está bem onde deveria. É um pouquinho virado para a esquerda. E, para ser sincera, acho as orelhas dele pequenas demais.

Mas quando ele olha para mim eu mal consigo falar.

É por isso que estou aqui parada, sangrando, deixando que ele examine meu nariz.

– Ele ainda está aí? – pergunto.

Só que, infelizmente, a pergunta sai mais parecida com *êi aída edá aí?*.

– Está. Talvez eu tenha dado uma cotovelada em você. Mas não está quebrado.

– Como você sabe?

– Estaria sangrando mais.

Ele desliza um dedo sobre a ponte do meu nariz.

Não está mais doendo.

Um gemido vindo do chão desvia a atenção de West do meu rosto. Nesse momento, meu nariz volta a latejar e eu me lembro de quem está gemendo e por quê.

Nate está com um lábio cortado. Toda a frente da camisa dele está vermelha e molhada. Quando cospe, seus dentes ficam cor-de-rosa.

Dentes cor-de-rosa. Isso me faz voltar à consciência.

Esse é o Nate, penso. West bateu no Nate. Ele está sangrando. Eu estou sangrando.

Meu cérebro elabora todas essas afirmações, uma após outra, como se

eu fosse acabar juntando-as em uma história que faça sentido. Mas a parte de mim que costuma ser responsável por analisar e processar dados está desligada.

O sangue pinga do meu queixo. Olho para baixo e vejo que as gotas caem no bico gasto da bota preta de West.

– Preciso de uma toalha de papel – digo.

Krishna, amigo de West, o agarra pelo braço.

– Você precisa sair daqui.

Krishna é alto, tem a pele escura, cabelos pretos e um rosto lindo de tirar o fôlego. Também é tão tranquilo que beira o estado letárgico, de modo que a urgência em sua voz me atinge em cheio.

Os alunos ao redor se viram para o final do corredor, onde algo está acontecendo. Alguém se aproxima.

West Leavitt deu um soco no rosto de Nate.

Eu estou sangrando.

Ele ainda está me tocando, e eu não consigo pensar.

– Tome conta dela – diz a Krishna, mas olha diretamente para mim, com um ar de quem pede desculpas.

Krishna dá um empurrãozinho nele.

– Tá, cara, agora vai.

West olha para mim mais uma vez e sai em disparada pelo corredor. Krishna pega minha bolsa no chão – eu nem tinha percebido que a deixara cair de novo – e passa o braço pelos meus ombros.

– Vamos lá pegar uma toalha de papel para você.

– Você acha que o Nate está bem?

– Eu acho que o Nate é um babaca. Mas ele ainda está respirando. Você consegue andar um pouco mais rápido?

Faço o melhor possível. Acabamos em um banheiro feminino no segundo andar. Krishna fica parado ao lado da porta, mantendo-a aberta com o corpo, enquanto eu pressiono um papel áspero no nariz e me olho no espelho.

Pareço saída de um filme de terror. Meu rosto está todo ensanguentado, e há sangue seco nas pontas dos meus cabelos. Minha mão é só sujeira e o punho da minha camisa branca que desponta da manga do casaco está vermelho e molhado.

Recebeu o que merecia, hein? Vagabunda.

Sinto o estômago revirar, uma náusea repentina que me faz fechar os olhos e respirar fundo.

Olho para Krishna, mas é claro que não foi ele quem disse isso.

Foram *eles*. Os homens.

Eles me seguem por toda parte. Ouço sua voz o tempo todo. Suas opiniões nojentas: um fluxo interminável de comentários negativos na minha vida.

Eu comeria, dizem as vozes enquanto abro a torneira, *foderia essa vagabunda até ela não conseguir mais andar. Não me importa nem um pouco como é a cara dela* até que a água es quente.

– Tudo bem com você? – pergunta Krishna.

Ele parece desconfortável. Nós nos damos bem, mas não somos *amigos*. Ele é mais próximo da Bridget, minha colega de quarto. No ano passado nosso quarto no alojamento era na frente do de West e Krishna.

Eu gosto do Krishna, mas ele não é o tipo de cara com quem eu contaria algum dia. É meio galinha, na verdade, e preguiçoso. Imagino que ficar aqui parado me vendo sangrar não esteja na lista de coisas que ele escolheria fazer hoje.

Afasto o papel do nariz para ver como está a situação. O sangramento parece ter parado.

– Estou ótima. Pode ir.

– Eu até ficaria aqui com você, mas marquei com uma pessoa. Mas se você quiser...

– Não, estou bem.

Prefiro ficar sozinha. Minhas mãos tremem e as pernas ainda não parecem ter recuperado a firmeza.

– Vou dizer ao West que não houve danos, certo?

– Há?

– Vou dizer que você não se machucou.

Mas me machuquei. Dentro de mim, escondido em algum lugar na minha caixa torácica, há um coração partido. Dói o tempo todo. Meu nariz inchado e o latejar na cabeça não são nada perto dessa dor.

– Diga o que achar melhor.

Krishna ainda parece sem graça, mas fala:

– Até mais, então.

Quando respondo, ele vai embora.

A porta se fecha silenciosamente.

Eu me apoio no porta-papel, fico ouvindo a água correr e respiro fundo.

Inspiro. Expiro.

Inspiro. Expiro.

Na oitava respiração, consigo me livrar quase por completo do medo e me desligar da dor. Tive algumas semanas para praticar. Estou ficando boa em não sentir coisas.

O segredo é me manter ocupada. Estabelecer metas e cumpri-las, uma após outra. Não posso passar o dia respirando fundo. Preciso almoçar, porque tenho um monte de coisas para estudar antes da reunião do meu trabalho em grupo, às três. Tenho que checar os e-mails – ouvi meu celular vibrar durante a aula de latim e sei que vou encontrar uma porção de links novinhos no meu alerta diário do Google. Reservei um tempinho para cuidar deles antes da reunião.

Agora minha vida é assim, sempre com alguma coisa a fazer.

Antes eu era uma aluna aplicada. Imprimia meu horário de aulas em cores, com sessões de estudos cuidadosamente programadas e etiquetadas nos tons correspondentes. Fazia furos nas margens de todos os meus planos de estudos e criava pastas especiais no fichário, uma para cada disciplina.

Nos últimos tempos passei a dedicar toda a energia à elaboração de planilhas para rastrear meu progresso na eliminação das minhas fotos nuas da internet. Anoto o URL de cada imagem, o site em que está hospedada, a data e o horário da postagem. Virei especialista em busca por imagem e desenvolvi habilidades incríveis tanto no rastreamento de informações de contato de proprietários de sites quanto em bombardeá-los com ameaças de teor jurídico até que removam todas as fotos de seus servidores.

A única forma de ser bem-sucedida nesse jogo horroroso de que eu nem quero participar é ficar on-line por mais tempo do que eu gostaria, vendo coisas que preferiria não ter que ver. Agora sei mais sobre sites pornô de compartilhamento de arquivos do que qualquer adolescente. Já vi mais pênis eretos e cheios de veias do que seria possível em umas dez vidas. Sempre que deito e fecho os olhos, meu cérebro me oferece um clipe pornô, e ouço as ofensas masculinas provenientes dos recantos mais sombrios e imundos da internet.

Sua vagabunda chupadora de pau.

Vou agarrar você e foder essas tetas. Vamos ver se não vai ficar morrendo de tesão.

Eu sei o que eles pensam a respeito de mim, porque não param de deixar isso bem claro. Nas noites em que não consigo dormir, saio do alojamento, pego o carro e fico dando voltas pelo campus.

Ouçó a voz desses homens porque não tenho escolha.

Dirijo sem rumo porque não sei mais o que fazer.

Mas eu não preciso me entregar ao sofrimento. No começo, quando vi as fotos, achei que precisasse, que a vida que eu conhecia havia acabado e eu simplesmente teria que lidar com isso.

Eu estava errada. Há alternativas, e não desmoronar é uma delas.

Todas as manhãs – quer eu tenha conseguido dormir ou não, quer tenha passado o dia todo sem chorar ou me acabado de soluçar no banho – o sol nasce, e eu faço a minha escolha: hoje não vai ser o dia que isso vai me derrubar.

Jogo o bolo nojento de papel ensanguentado no lixo, lavo o rosto e uso um papel limpo para me secar. Meu casaco já era. Então o tiro e jogo na lata de lixo. Não era de boa qualidade mesmo e estava começando a desfiar.

Enfio o punho da camisa embaixo da torneira, tentando lembrar se é melhor usar água fria ou quente para tirar manchas de sangue. Nunca sei. Acho melhor pesquisar no celular. Acho melhor...

... descobrir por que West bateu no Nate.

É. Isso também.

A menos que eu já saiba por quê. Mas espero que não. Meu Deus, espero que não.

Preciso encarar tudo isso como mais uma coisa com que lidar. Simples assim. Um problema a ser resolvido, e eu posso solucionar qualquer problema se me esforçar o bastante.

Os homens podem rir de mim e encher minha cabeça com seu veneno. Podem olhar para minha imagem nua, se masturbar, postar comentários com fotos de si mesmos segurando o pau coberto de sêmen com a tela do computador ao fundo preenchida com meu corpo.

Não posso evitar, Caroline, eles podem me dizer. A culpa é sua, por ser tão gostosa!

Eles já fizeram tudo isso. Fizeram com que eu não consiga andar pelo

campus usando um short sem me sentir uma vagabunda, uma idiota culpada por tudo o que está me acontecendo.

Mas eu não vou deixar que vençam.

Puxo os braços para dentro das mangas para torcer o punho. Vou precisar trocar de blusa mais tarde. Por ora, é o melhor que consigo fazer. Passo protetor labial. Escovo os cabelos.

Um passo de cada vez, uma hora de cada vez, um dia de cada vez, até melhorar.

Se eu continuar seguindo em frente, as coisas vão acabar melhorando.

Atravesso o campus com os braços ao redor do corpo, observando o céu azul, as alegres flores vermelhas, os alunos indo para todas as direções, sozinhos e em grupos, resolutos como formigas.

Antes eu estava tão empolgada em voltar ao Putnam College... Adoro o campus, com seus edifícios de tijolos vermelhos e a passarela ao ar livre que liga os alojamentos. Adoro as aulas e o desafio de estar em uma universidade em que não sou a mais inteligente. Ao contrário dos alunos do ensino médio, ninguém na faculdade me enche o saco por gostar demais de estudar ou por ser nerd. Quase todo mundo aqui é pelo menos um pouco nerd.

Mas, nas últimas semanas, o lugar foi arruinado para mim. Talvez para sempre.

Nate não apenas postou as fotos. Ele usou o site no qual elas foram publicadas para enviar por e-mail um link anônimo a um monte de amigos nossos. Quando obriguei Bridget a me contar se estava na lista de destinatários, ela admitiu que sim, que tinha recebido o e-mail *sete* vezes pelo provedor da universidade. Sete. Há mil e quatrocentos alunos no campus, trezentos e cinquenta na nossa turma. Não consigo imaginar quantas vezes a mensagem circulou entre os que *não são* a minha melhor amiga.

O post original feito por Nate não está mais no ar, mas as fotos continuam aparecendo em sites diferentes, e alguns dos posts ainda citam a minha universidade, a minha cidade, a mim.

Agora, quando caminho pelo campus, olho para cada cara que passa por mim e penso: *E você? Me viu nua? Salvou minhas fotos no celular? Bate punheta olhando para elas?*

Você também me odeia?

Fica difícil me empolgar com a ideia de dançar com eles em festas ou torcer por seu time em um jogo de futebol.

Meu telefone vibra no bolso de trás. É uma mensagem de Bridget me perguntando se vou almoçar.

Digito: Sim. E você?

Sim! Gardiner?

Chego em cinco minutos.

Legal. Soube do West?

Não sei bem como responder a isso, então digito: Mais ou menos.

Ela responde com *Suspiro*.

Bridget gosta de fingir que West e eu temos um caso amoroso sensual e secreto.

Eu gosto de fingir que ele e eu somos totalmente estranhos.

A verdade está em algum lugar aí no meio.

Conheci West no dia da mudança dos alunos do primeiro ano para o alojamento, um dia bem quente. Em Iowa, isso significa um calor de mais de 35 graus e umidade de 98 por cento. O melhor a fazer nessas condições é deitar no sofá numa sala fresquinha para assistir a TV comendo ovinhos de chocolate. Se for necessário sair, que seja para ficar na sombra com um sorvete na mão.

Em vez das opções anteriores, eu estava carregando minha mudança do carro do meu pai para o quarto que dividiria com Bridget, quatro lances de escada acima. Acontece que eu tenho muita coisa. Na última leva, fiquei um pouco tonta, e meu pai insistiu em que eu me sentasse nos degraus ao lado da entrada do alojamento e esperasse.

Então, nesse momento, ele se encontrava a caminho do quarto, Bridget ainda não havia aparecido e Nate estava chegando com a própria mudança. Eu estava sozinha – suada, grudenta, com o rosto vermelho e com *muito* calor. É possível que estivesse resmungando mentalmente sobre as pernas cansadas e o fato de não existirem macacos amestrados para ajudar a carregar o peso quando apareceu o carro mais feio que eu já havia visto na vida.

Tinha cor de esgoto e era todo amassado e enferrujado, com a porta do lado do carona presa com *silver tape*. Observei-o passar por cima de uma vaga no estacionamento e continuar em câmera lenta pelo meio-fio,

atravessar o gramado bem-cuidado da universidade e parar bem à minha frente.

Procurei pelo segurança do campus, com meu radar de boa moça apitando loucamente. Havia marcas de pneus na grama! O carro despejava nuvens oleosas de descarga tóxica no ar! Isso não podia ser permitido!

Nenhum guarda à vista.

A porta do lado do motorista se abriu e um cara saiu do carro.

Eu me esqueci até do meu próprio nome.

Bem, é provável que aquilo tenha acontecido por eu ter me levantado rápido demais. Estava quente e eu praticamente só tinha engolido um bolinho no café da manhã, empolgada demais para comer os ovos com bacon que meu pai tentara me empurrar. É claro que não fiquei zonga por causa da aparência daquele cara.

Quero dizer, sim, preciso admitir que a aparência dele pode ter contribuído. A parte primitiva do meu cérebro registrou com avidez todos os detalhes de suas medidas, da forma de sua boca e daquele rosto que *ah, meu Deus*, e então a parte racional as arquivou cuidadosamente fora do alcance, na pasta mental adequada.

A etiqueta dessa pasta diria *Se você não estivesse com Nate...*

No entanto, não foi o físico do cara que me arrebatou. Foi o modo como ele se movia.

Eu poderia dizer que ele saiu *gingando* do carro, mas essa palavra dá a impressão de que estava se esforçando demais, o que está muito longe da verdade. Ele era naturalmente gracioso e descontraído e, meu Deus, nem sei. Você vai ter que acreditar em mim.

Ele relanceou ao redor e seu olhar parou em mim.

– Você é o comitê de boas-vindas?

– Claro – falei.

Ele se aproximou e estendeu a mão.

– West Leavitt.

– Caroline Piasecki.

– Muito prazer.

A mão dele estava quente e seca, o que me fez ter vergonha da minha mão úmida e grudenta e do suor embaixo dos braços. Meu desodorante havia vencido fazia horas, e eu sentia o meu próprio cheiro. *Que ótimo.*

– Você veio de carro? – perguntei.

O canto da boca dele levantou um pouco, mas ele soou muito sério quando respondeu:

- Vim.
- Veio de onde?
- Do Oregon.
- Nossa.

Isso fez o canto da boca levantar um pouco mais, quase num sorriso.

- Qual é a distância?
- Um pouco mais de 3 mil quilômetros.

Olhei para o carro dele. Olhei para *dentro* do carro dele.

Muito bem, a verdade é que eu me afastei de West, me aproximei do carro, me inclinei e espiei lá dentro. O banco de trás estava abarrotado de equipamentos de camping e havia um aquário cheio de lâmpadas e fios elétricos emaranhados, além de um saco de lixo gigantesco e transparente contendo o que parecia ser terra. Havia também uma imensa caixa com latas de carne ensopada e algumas camisas jogadas aleatoriamente.

O carro parecia a casa de um sem-teto, e eu fiquei fascinada.

Também fiquei com um pouco de medo de olhar para West. Pude ver pelo reflexo na janela do carro que ele estava alongando os braços atrás das costas, o que esticou a camiseta e exibiu o que eu provavelmente não deveria estar vendo.

- Você veio sozinho de lá até aqui? - perguntei.
- Claro.

Ele esticou os braços para cima, para alongar os ombros. A camiseta levantou e eu desviei o olhar do reflexo dele, constrangida.

- Com as janelas abertas?

Àquela altura, eu já nem sabia mais o que estava falando.

- Éééééé - respondeu ele, bem lentamente. Quando o fitei, seus olhos estavam com um ar malicioso. - Às vezes eu pirava e enfiava um braço para fora.

Senti um calor subindo pela garganta. Voltar a ser imperdoavelmente curiosa em relação ao carro dele me pareceu naquele momento o caminho certo a seguir.

Notei um saco de dormir no banco da frente e me perguntei se ele passava as noites dentro do automóvel. Será que parava no acostamento, abaixava o banco do carona e se deitava? Será que comia ensopada de carne

frio direto da lata? Porque aquilo que eu estava vendo no porta-copos era definitivamente um abridor de latas.

E era definitivamente uma caixa de camisinhas aberta e meio amassada que eu estava vendo debaixo do banco do passageiro.

– Você não tem medo de botulismo?

Agora, em minha defesa, eu de fato tinha um motivo para perguntar. Percebi que várias das latas estavam amassadas e me lembrei de uma aula de biologia do ensino médio em que aprendemos sobre bactérias anaeróbicas e sobre como elas se reproduzem. Às vezes, as latas se amassam, bactérias entram por buraquinhos microscópicos e começam a se reproduzir loucamente. Quando abrimos a lata, tudo parece normal, mas, depois que comemos, acabamos morrendo.

Tudo fazia sentido na minha cabeça. Só quando me endireitei e me virei – o que me deixou tonta de novo, talvez por ter ficado inclinada por muito tempo, espiando o interior do carro dele como se fosse uma voyeur maluca –, percebi que nada daquilo fazia sentido para ele. A testa dele estava franzida.

– Por causa das latas. Estão amassadas – falei.

Mesma expressão.

– Bactérias anaeróbicas? Morte lenta e dolorosa?

Ele assentiu lentamente e então fez a pior coisa do mundo.

Sorriu.

Foi como um ataque nuclear.

– Você é esquisita, né?

Não sou eu que ando com camisinha e carne ensopada no carro.

Mas eu não disse isso. Estava ocupada demais sorrindo feito uma completa idiota.

O sorriso de West produz esse efeito em mim. Ele não faz isso com frequência, mas sempre que faz meu cérebro simplesmente para de funcionar.

Além disso, o mundo de repente ficou meio nebuloso e de cabeça para baixo. Meus quadris se chocaram contra algo duro, que descobri ser a porta do carro dele, e então eu comecei a me abaixar até repousar a testa no pneu quente da frente.

– É porque não tem macacos amestrados.

O que eu falei não tinha o menor sentido. Nem sei o que eu quis dizer. De súbito, me senti terrivelmente cansada e sonolenta, e ele se aproximou

com a mão estendida. Senti sua respiração no meu pescoço e o ouvi resmungar alguma coisa sobre *entrar e você*.

Gostei do som daquilo.

Senti um peso nos ombros, que descobri ser o braço dele me envolvendo e em seguida me deitando de costas. Por um instante lento e perfeito, ele estava acima de mim, apoiado nos cotovelos, com os quadris pressionados contra os meus. O cheiro dele era ótimo. Quente e intenso, como alguma iguaria deliciosa que derreteria na minha boca.

Então ele se afastou, e nós estávamos deitados um ao lado do outro no chão. Por um rápido instante eu me perguntei se meu desejo de que ele voltasse para cima de mim me tornava uma péssima namorada. Será que contava como traição? Porque eu tinha gostado daquelas mãos em mim. Gostei do aroma dele.

Fechei os olhos e respirei o cheiro de West Leavitt, grama verde e terra quente.

Tenho quase certeza de que ainda estava sorrindo quando perdi a consciência.

Bridget, do lado das portas de vidro de correr do refeitório, acena para mim.

Sorri o tempo todo enquanto atravesso o saguão, até eu me aproximar o bastante para ela ver meu rosto com clareza.

– O que aconteceu com o seu nariz?

– Bateu em um cotovelo.

– Você vai ter que explicar isso.

– É, eu sei. Mas me dê um tempo.

Entramos no refeitório, pegamos nossas bandejas e esperamos que o monte de alunos à nossa frente na fila andassem.

– Sabe a briga? De West e Nate? Acabou sobrando pra mim.

– O Nate bateu em você? Caramba! Que horror! Você chamou a segurança? Porque isso é sério, Caroline. Não estou brincando, você não pode deixar as coisas continuarem assim ou...

Toquei no braço da minha amiga para interromper o fluxo de palavras. Bridget fala pelos cotovelos. É preciso interrompê-la se quisermos ter alguma voz na conversa.

– Não foi o Nate. O West me deu uma cotovelada, eu acho. Na verdade, ninguém tem certeza.

Ela arregala os olhos.

– Você falou com ele?

Sei o que ela está imaginando – West e eu agarrados em algum lugar reservado e íntimo, ele segurando uma compressa na minha testa. Foi assim que eu a conheci, na verdade. Eu havia desmaiado ao lado do carro de West e acordei na minha cama, no alojamento, com uma toalha fria na testa e Bridget inclinada sobre mim, com a testa franzida e os olhos azuis cheios de preocupação. Ela parecia um lindo anjo ruivo e sardento.

– Não exatamente – respondi. – Esta cor fica bem em você.

Eu estava falando sério: Bridget fica bem de azul. Mas disse isso mais por ela ser atleta – corredora de longas distâncias na equipe da faculdade – e eu ter o hábito de elogiá-la sempre que usa roupas normais, apenas para estimular a prática.

Agora estamos na fila dos pratos quentes.

– Tem frango sem ser frito? – pergunta ela ao atendente.

– Não, só o que está exposto.

– Certo, obrigada.

Como está em época de treinamento, ela é supercuidadosa com o que come.

Pego um prato de frango à parmegiana e dois brownies de chocolate com menta. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar no momento do que calorias.

– Não pense que eu não notei você mudando de assunto – diz Bridget quando saímos da fila e vamos para a bancada de saladas, onde ela enche o prato de ovos cozidos, verduras e legumes. – Preciso saber o que ele disse. Tipo, ele ainda estava estressado por causa da briga ou foi legal? Vocês se afastaram para algum lugar reservado ou estavam no meio de todo mundo? Ele ficou muito chateado quando bateu em você? Porque o Krishna disse...

– Ele não disse nada – interrompi. – Precisou sair para não ser pego e acabar sendo expulso ou coisa parecida.

– Mas você disse que falou com ele.

– Não, não disse.

Ela revirou os olhos.

– Deixou implícito, Excelência.

– Só trocamos algumas frases. Ele queria se certificar de que eu estava bem. Agora estamos nas bebidas. Bridget pega leite, e eu, uma Coca com gelo.

– Ele explicou por que fez aquilo? – pergunta ela.

– Não.

– Você perguntou? Escutou a discussão? Me diga alguma coisa. Só você mesmo para agir como se não fosse nada de mais West e Nate terem saído na porrada e você ter sido atingida no rosto. Ei, cadê o seu casaco?

– Tive que jogar fora. Estava todo ensanguentado. E, não, não escutei nem perguntei nada.

– Que droga. Eu gostava daquele casaco. – Passamos o cartão na saída para debitar o almoço do vale-refeição e Bridget se dirige à mesa livre mais próxima. Olhando para mim por cima do ombro, ela sorri. – Quer saber o que eu ouvi?

– O quê?

Coloco a bandeja em cima da mesa com um pouco de força de mais.

O sorriso dela vacila.

– Você está chateada.

– Não.

É verdade. Estou só... confusa. Algo está acontecendo, e nos últimos tempos raramente acontecem coisas boas. E se essa coisa envolve West e Nate, eu tenho quase certeza de que não quero ficar sabendo.

Nós nos sentamos, e eu me preparo.

– Conte logo, está bem?

– Ouvi dizer que eles estavam brigando por sua causa.

Droga droga droga droga.

– Quem falou isso?

– Alguém da turma deles de macroeconomia.

– Nate e West são da mesma turma?

– São. E a Sierra, você conhece? Ela disse que depois da aula Nate fez uma piada qualquer, West respondeu e o lance se transformou em uma discussão sobre você.

– O que eles disseram?

Sinto um embrulho no estômago. Tomo um gole da Coca e fecho os olhos com a sensação de que está tudo perdido.

– Não sei bem. – O tom de Bridget é cauteloso. – Sierra não pegou tudo, só o seu nome.

Cutuco o frango com o garfo, mas não consigo sequer cortá-lo. Quando ponho um pedaço na boca, sinto gosto de cinza. Os restos queimados da vida que eu tinha.

As pessoas falam de mim. Não na minha cara, mas pelas minhas costas. O tempo todo. Fiz Bridget prometer me contar tudo o que ouvisse, porque preciso saber. É a única forma de descobrir se eles estão esquecendo, como quero que façam.

Eu não tenho nada de especial – sou apenas uma universitária normal. Deveria ser capaz de passar despercebida andando com a cabeça baixa. Minha esperança é que, em um ano, quase ninguém mais se lembre do que aconteceu. *Que Caroline?*

Não é exatamente o que eu havia planejado. Minha ideia inicial era concorrer à presidência do diretório acadêmico no penúltimo ano, no mais tardar no último. Mas posso deixar de lado essa ambição, se for preciso. Prefiro ser anônima a ser famosa pelos motivos errados.

– Sierra disse que foi meio romântico – continua Bridget. – Ele estava defendendo a sua honra.

A ideia de que eu tenho honra – e que West a defenderia – é tão absurda... Eu mal o conheço. Só falei com ele uma vez.

Nós não somos amigos.

E, nas últimas semanas, as únicas pessoas que se importaram com a minha honra fomos eu e Bridget. Nenhum dos meus amigos antigos é capaz de me encarar. Nate e eu éramos uma unidade, e quando as pessoas tiveram de escolher um lado, acho que o dele pareceu mais divertido.

– Eu jamais faria algo desse tipo – garantira Nate, na caradura, quando o confrontei na frente de vários desses amigos neste mesmo refeitório. – Como você pode achar isso de mim?

E então, depois de mais alguns minutos de acusações minhas, ele disse:

– Acho que essas garotas querem tanto chamar atenção que fazem qualquer coisa para conseguir.

Olho o gramado pela janela, sem conseguir aceitar a ideia de West Leavitt defendendo minha honra.

No ano passado, quando recuperei a consciência depois de desmaiar ao lado do carro dele, a primeira coisa que ouvi foi uma voz masculina irritada no corredor. Meu pai estava gritando, o que não era novidade. Como é juiz, ele passa a maior parte do tempo no trabalho sendo calmo e racional, mas,

fora dele, é pai solteiro de três filhas jovens e costuma espernear quando se sente ameaçado. O que acontece com bastante frequência.

Só é preciso saber como lidar com ele. Minha irmã mais velha, Janelle, engole. Alison normalmente chora. Eu apresento a ele argumentos lógicos, apelando para a parte racional do cérebro até a parte primitiva se acalmar.

Meu pai devia estar no corredor perto da escada, porque eu não conseguia entender o que ele dizia. Às vezes, uma voz mais baixa e mais calma interrompia seus berros.

A voz de West.

Só depois de um tempo eu me dei conta disso. Estava sentindo a cabeça pesada e dolorida, e perguntei à garota inclinada sobre mim:

– Quem é você?

– Meu nome é Bridget. Está tudo bem? Você desmaiou. Um cara fofo carregou você pela escada até aqui, e não sei o que ele disse, mas seu pai está furioso. Ele é sempre tão assustador? Porque, se for, que bom que você está aqui... Vai ser muito mais legal para você, e além disso...

Ela continuou falando até a porta se abrir e meu pai entrar no quarto, com o rosto vermelho e manchas de suor debaixo dos braços. Ele usava uma camisa polo. Sentou ao meu lado na cama, tão evidentemente agitado que quase dava para ver a fumaça saindo da cabeça dele.

– Como você está se sentindo?

– Bem.

Era mentira.

– Vou solicitar que mudem você para o alojamento feminino.

Eu me sentei.

– O quê? Por quê?

– Aquele garoto lá fora... Ele não é uma boa influência. Você não pode morar perto de gente assim.

– Assim como? O que foi que ele fez?

Bem, foi a pergunta errada. Durante os vários minutos seguintes, ouvi sobre quão incrivelmente assustador é para um pai deixar a filha mais nova sozinha por apenas alguns minutos e depois encontrá-la deitada no chão com um desconhecido em cima dela. Sobretudo quando a filha está inconsciente, o garoto tem “um ar desafiador” e você “não gosta da cara dele”.

Tudo isso foi agravado, segundo meu pai, por toda a “parafernália de drogas” no banco de trás do carro do marginal. Acho que ele se referia ao aquário, às lâmpadas e ao saco de terra, não às latas de carne ensopada. Se bem que, quem sabe? Eu estava completamente fora de mim. Ouvi as palavras “parafernália de drogas” e imaginei garrotes, saquinhos de heroína e seringas.

O sermão ainda não tinha terminado quando Nate apareceu e piorou tudo. Meu pai havia passado três anos tentando garantir que Nate e eu nunca ficassemos sozinhos perto de uma superfície horizontal, e agora ali estava ele, invadindo o meu quarto sem bater.

O rosto do meu pai assumiu um tom mais profundo de vermelho.

Rapidamente, fiz as apresentações. Sorri muito, me esforçando para parecer mais saudável do que me sentia, porque aquela era a primeira etapa do que se tornaria uma árdua campanha para garantir que, quando meu pai fosse embora – três dias depois, em vez de um –, eu ainda estivesse naquele alojamento, naquele quarto, com Bridget.

Eu venci, mas foi necessário sacrificar West. Meu pai não me deixou enquanto eu não prometi que não teria nenhum relacionamento com “aquele garoto”.

Era risível, na verdade, pensar que eu poderia ter. Acontece que meu pai tinha razão sobre a história das drogas.

A porta do quarto de West e Krishna estava sempre fechada, assim como as cortinas. Eles tinham um fluxo constante de convidados, tocavam música alto e me irritavam com as festas até altas horas e o cheiro de sândalo e fumaça que empestava todo o nosso andar.

West montou aquele aquário e aquelas lâmpadas em algum lugar secreto – ninguém parecia saber onde – e cultivou uma bela safra de maconha. Isso de acordo com Krishna, que passava muito tempo à nossa porta, conversando comigo e com Bridget.

Com Krishna eu sou autorizada a falar. Mas com West, não. O jeito como ele anda – com aquele gingado que não é exatamente um gingado – faz parecer que sabe o que está fazendo, mesmo que seja em um lugar onde nunca esteve antes. Sua autoconfiança lhe dá um ar mais velho e Bridget sempre me conta coisas sobre ele que confirmam essa impressão.

Parece que ele emprestou dinheiro a um cara da turma de psicologia de Bridget para que o sujeito comprasse uma passagem de avião para ir ver a

namorada e depois cobrou juros. Isso me leva a imaginar se ele é capaz de quebrar a perna de alguém caso a pessoa não pague o que deve.

West simplesmente passa dos limites daquilo com que consigo lidar, mesmo que eu tivesse permissão de falar com ele.

Meu relacionamento com ele, então, se limita a encará-lo de longe. Na verdade, eu não faria nem isso, só que não consigo evitar. Quando ele está por perto, preciso olhar para ele.

Ele sabe disso. E às vezes sorri com malícia para mim. Certa vez passou pelo corredor enrolado em uma toalha. Meu Deus. Acho que fiquei vermelha por uma *hora* depois de ver aquilo.

Nunca descobri o que ele disse ao meu pai. Acho que, o que quer que tenha sido, não estava defendendo a minha honra. Então, para mim, é difícil imaginar por que começaria a fazer isso agora.

Talvez eu devesse ser grata, mas não consigo. Não preciso de caras como West Leavitt me defendendo. Ele é infame demais. Entre o tráfico de drogas e aquele rosto, aquele sorriso... Praticamente todo mundo no campus sabe quem ele é.

Ele vai atrair atenção para mim, e meu principal objetivo na vida no momento é desaparecer.

Quando volto a me concentrar no presente, Bridget está descascando um ovo cozido e me observando. Ela se acostumou com meus longos silêncios. É extremamente leal e solidária. A melhor criatura que eu poderia ter a meu lado.

– Se as pessoas quiserem saber minha opinião sobre o que o West fez... – comecei.

– Sim?

– Diga que não passou de um mal-entendido. Que não teve nada a ver comigo.

Ela franziu a testa.

– Mas eu achei que fosse bom. Ter outra pessoa do nosso lado, sabe?

– Eu não quero estar em lado nenhum, Bridge – falei gentilmente. – Quero que as pessoas esqueçam este assunto.

Brigas costumam ser algo de que todos se lembram.

Ela morde o lábio.

– Não preciso de ninguém me ligando a ele, está bem? – continuo. – Tenho que ser discreta.

– Se é isso que você quer que eu diga, é o que vou dizer – garante ela. –
Fim de papo.

Tento sorrir e empurro meu frango para o outro lado da bandeja. Então puxo o brownie para mais perto e afundo o garfo na grossa camada de cobertura cremosa. Marrom-escuro sobre um verde tão claro que parece néon.

Fim de papo.

Eu gostaria de acreditar nela, mas não consigo mais fazer suposições desse tipo. Aprendi que quando a cobra rasteja para fora da toca, é preciso ir atrás e esmagá-la. Então, devemos partir do princípio de que ela procriou e ir atrás dos filhotes.

Eu tenho um passado para apagar caso queira alcançar o futuro com que sempre sonhei – um futuro que exige que eu faça uma boa faculdade de direito, para trabalhar com um juiz e começar a fazer os contatos que meu pai diz que preciso se pretendo ser juíza um dia. E eu pretendo. E quero ir ainda mais longe. Procuradoria do Estado. Washington, D.C.

Meu pai sempre diz que o primeiro passo para conseguir o que queremos é *saber* o que é e o que é preciso para alcançá-lo. Não há vergonha em sonhar alto. No meu projeto de Dia da História no sexto ano, escrevi um livro de poemas humorísticos, um para cada presidente. No nono ano, bati de porta em porta como voluntária e consegui as listas de correspondência dos democratas e dos republicanos do Putnam College antes mesmo de receber minha carta de aceitação.

Eu sei o que quero e sei o que é preciso para conseguir. É necessário muito trabalho e sacrifício – mas também uma ficha limpa. Sem prisões, sem escândalos, sem fotos sexuais na internet.

O que eu *não* preciso é de alguém batendo nas pessoas em meu nome. Não posso correr o risco de isso se repetir.

Preciso falar com West.

Eu o encontro no quarto piso da biblioteca.

O andar tem jornais por todo lado, estantes amontoadas no meio e mesas de estudo enfileiradas contra as paredes, além de uma máquina Xerox na qual eu passei muito tempo tirando cópias de crítica literária sobre T. S. Eliot no ano anterior.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br